

Dez epigramas sobre Narciso

Daniel da Silva Moreira¹

RESUMO: Apresento a tradução de dez poemas, todos eles traduzidos pela primeira vez no Brasil, que abordam algum aspecto do mito de Narciso. Os epigramas provêm da *Antologia Latina* ou da obra do poeta romano Décimo Magno Ausônio. Busco traduzi-los poeticamente, utilizando metros empregados pela poesia de língua portuguesa.

Palavras-chave: tradução; tradução poética; literatura latina; mitologia; Narciso.

Apresentação

A publicação, em 2005, de um papiro de Oxirrincos (P.Oxy.LXIX.4711)², trouxe-nos uma nova versão para o mito de Narciso. O fragmento de poema, atribuído a Partênio de Niceia, poeta do século I a.C., apresenta, ao que tudo indica, a parte final da narrativa, num tom marcadamente trágico e que difere consideravelmente da versão mais conhecida e difundida do mito ao longo dos séculos, aquela apresentada pelo poeta romano Ovídio (43 a.C. – 17/18 d.C.), nas *Metamorfoses* (III, 339-510)³, bastante conhecida em língua portuguesa através da tradução de Haroldo de Campos (1998, p. 210-213). Apenas três anos após vir a público, foi publicada por Carlos Alberto Martins de Jesus (2008, p. 117-125) uma tradução desse achado papiroológico para o português (ou um ano, se considerarmos que o artigo foi originalmente publicado no número 45 do *Boletim de Estudos Clássicos*, em 2006). A tradução quase que imediata de uma nova descoberta textual é um procedimento que me parece ideal, permitindo que assim ele possa ser lido por um público o mais amplo possível e possa integrar e expandir a nossa visão do mundo antigo.

O aparecimento dessa nova face de Narciso e o decorrente aumento no interesse por sua figura, ao mesmo tempo em que nos chamam a atenção para uma boa prática – a da rápida disponibilização e tradução de achados –, fazem pensar numa outra questão importantíssima para a tradução dos clássicos em língua portuguesa. Se, por um lado, as novidades textuais de maior relevo são logo traduzidas, o que se faz com os poemas

¹ Doutorando em Letras - Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestre em Estudos Literários (2011) pela UFJF.

² Para uma completa abordagem desse achado papiroológico e, ainda, uma tradução do poema para o português, remeto o leitor ao artigo "Narciso, o belo suicida. (Re)leituras do mito a partir de um novo papiro", de Carlos Alberto Martins de Jesus, parte integrante de: JESUS, Carlos A. Martins de. *A flauta e a lira*. Estudos sobre poesia grega e papirologia. Prefácio de José Ribeiro Ferreira. Coleção Fluir Perene, n. 3. Coimbra: Fluir Perene, 2008. Disponível em: <http://www.fluirperene.com/livros/A_flauta_e_a_lira.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2014.

³ Para um amplo levantamento das fontes do mito de Narciso e uma análise comparada das versões de Partênio e Ovídio, remeto o leitor ao artigo: MIOTTI, Charlene Martins. O papiro de Oxirrincos: uma nova versão para a morte de Narciso. *Anais do 4º Congresso Nacional de Letras, Artes e Cultura, 1º Internacional - Linguagem, memória e arte: interfaces*. São João Del-Rei: UFSJ, 2013. p. 1869-1876.

que, embora conhecidos há muito, não têm ainda uma expressão na nossa língua? Uma atitude que imagino natural por parte do leitor, ao deparar-se com o novo fragmento de Partênio, seria a de buscar outras referências a Narciso na literatura antiga para lê-las em contraste. Algumas delas estão, felizmente, disponíveis – sobretudo as de autores considerados mais importantes –, mas uma pesquisa mais acurada permite constatar uma realidade que se estende a todas as áreas da literatura antiga: há muito menos textos traduzidos do que por traduzir. É João Ângelo Oliva Neto que nos chama a atenção para a carência de traduções dos clássicos no Brasil: “(...) se nos importa a Tradição Clássica, se Estudos Clássicos têm alguma importância, ainda não estão eles aqui consolidados porque ainda não superamos o estágio, basilar, em que o conjunto fechado e finito daqueles textos seja acessível em português.” (OLIVA NETO, 2011, p. 14). Assim, o que faltaria para a existência de um espaço definitivo para os Estudos Clássicos no país seria possuímos todo o conjunto de textos da Antiguidade disponível em tradução, algo visto como uma necessidade primária à fundação de uma tradição de leitura e escrita de e sobre os clássicos. E o autor complementa seu pensamento, destacando uma espécie de “função social” que deveria caber ao tradutor de línguas clássicas no país:

(...) um papel importante dos Estudos Clássicos no Brasil – para mim, confesso, o mais importante – é, traduzindo, dispor aos leitores brasileiros o patrimônio daquela Tradição Clássica – dos autores mais notórios até os menos – atividade de que é parte importante a tradução acadêmica por tornar acessível a matéria daquele patrimônio, e parte muito mais importante a tradução dita “poética”, ou “literária”, porque, além de tornar acessível a matéria, propõe aos textos clássicos agenciamento formal, cuja importância, repito, reside em reaver na própria língua o vigor dos textos gregos e latinos para quem não lê nem é obrigado a ler grego e latim. (OLIVA NETO, 2011, p. 14)

Tocado por essas afirmações, no meu entender um verdadeiro convite, tenho buscado ao máximo orientar minha prática tradutória no sentido de me debruçar sobre textos que nunca tenham tido uma tradução no Brasil ou, ao menos, uma tradução recente. O intuito é contribuir, ainda que modicamente, para o crescimento da quantidade de textos acessíveis ao leitor brasileiro. Isso – somado ao interesse crescente pela figura de Narciso em decorrência de achados como os de Oxirrinco e ao meu próprio interesse por esse mito em particular – fez com que eu fosse atrás do maior número possível de poemas em latim que tratassem da figura do jovem morto pelo amor da própria imagem.

No universo de textos ainda não traduzidos, consegui localizar dez pequenos poemas, de autoria variada, que tocavam de algum modo no mito de Narciso. A maior parte dos textos é proveniente da chamada *Antologia Latina*, uma coleção de versos em latim, datados desde a época de Ênio (c. 239 – c. 169 a.C.) até aproximadamente o ano 1.000 d.C., organizada inicialmente por Pieter Burman (1713 – 1778), a partir de textos antes dispersos, e reimpressa pelo menos até 1869, quando Alexander Riese (1840 – 1924) iniciou uma revisão crítica do texto, em que muitos poemas indevidamente inseridos por Burmann foram rejeitados. Sete dos dez poemas que traduzi provêm da *Antologia*, cinco deles são anônimos, como é frequente entre os poemas dessa obra, e dois de Pentádio, poeta sobre o qual não sabemos mais do que o nome, mas que se supõe tenha vivido entre a segunda metade do século III e a primeira metade do século IV d.C. Os três poemas restantes são de autoria de Décimo Magno Ausônio (310-395

d.C.)⁴, poeta nascido em Burdígala (cidade romana equivalente à atual Bordeaux, na França).

Além do tema e de evidentemente estarem calcados na versão do mito de Narciso conforme contado por Ovídio nas *Metamorfoses*, os dez textos têm outras duas características em comum. A primeira é serem todos epigramas, ou seja, poemas curtos sobre temas variados que imitam as inscrições – em monumentos, túmulos, estátuas e presentes – e que apresentam um pensamento satírico, engenhoso ou delicado expresso com graça e precisão. Além disso, todos são escritos em dístico elegíaco – estrofe formada por dois versos datílicos, o primeiro um hexâmetro e o segundo um pentâmetro.

Nas traduções, preferi empregar, sempre que possível, a opção mais comum para o dístico elegíaco, traduzindo o hexâmetro por um alexandrino (embora também tenha usado o simples verso de doze sílabas quando fazer a cesura prejudicaria a expressão do conteúdo) e o pentâmetro por um verso de dez sílabas. Adotei esse modelo nos poemas 145, 146, 147 e 219, da *Antologia Latina*, e nos epigramas 99 e 101, de Ausônio.

Em alguns dos poemas, porém, essa solução não se mostrou tão adequada, sobretudo por terem curta extensão e não haver espaço para compensação da extensão de um verso em outro menos extenso. Nesses casos utilizei a segunda opção mais comum, a de traduzir hexâmetro e pentâmetro por versos de, respectivamente, quatorze e doze sílabas. É uma alternativa não tão comum, uma vez que, ainda que esteja integrado ao nosso sistema versificatório desde os primórdios da língua portuguesa, o verso de quatorze sílabas, ou alexandrino arcaico, é bastante raro, e muitas vezes criticado. Contudo, entre a expressão do conteúdo de modo, digamos, confortável, e a concisão vocabular, que poderia acabar soando excessiva, preferi optar por um meio termo, utilizando versos que não fossem demasiado curtos e que, ao mesmo tempo, estivessem integrados ao nosso sistema versificatório. Assim procedi no poema 39, da *Antologia Latina*, nos poemas 265 e 266, também da *Antologia Latina*, mas de autoria de Pentádio, e no epigrama 100, de Ausônio.

Alguns dos poemas traduzidos, os de número 145, 146 e 219, da *Antologia Latina*, empregam uma figura de linguagem denominada oximoro, em que se faz a combinação de palavras de sentido contrário que parecem excluir uma à outra, mas que, no contexto em que são utilizadas, reforçam a expressão. No caso dos poemas sobre Narciso, em cujas traduções busquei manter essa figura poética – presente mesmo na narrativa ovidiana do mito – o oximoro empregado é entre palavras relacionadas à água (*fontibus* no 145, *undis* no 146, *aquas* no 219) e palavras relacionadas ao fogo (*ignes*, *flagrans*, *ignis*, respectivamente). Essa associação que se faz entre a água, elemento que comparece frequentemente na narrativa de Narciso, e o fogo, elemento associado à paixão intensa, evidencia uma paixão de dimensão incomensurável, pois vemos um fogo capaz de queimar mesmo num meio dominado pela água.

Outro recurso que tentei reproduzir é o que aparece em dois dos poemas traduzidos, o 39 e o 265, da *Antologia Latina*, construídos de tal modo que as palavras que formam o começo do hexâmetro, num dístico elegíaco, se repetem no final do pentâmetro. A essa espécie de construção dá-se o nome de *Ophites* ou *Carmen Serpentinum*, porque assim como o símbolo da serpente na Antiguidade – representada com a cabeça mordendo a cauda –, o princípio e o fim do dístico se reencontram após

⁴ Publiquei anteriormente uma pequena antologia com oito epigramas de Ausônio: AUSÔNIO; MOREIRA, Daniel da Silva. Epigramas|Epigrammata. (n.t.) *Revista Literária em Tradução*. n. 4, mar. 2012, Florianópolis, 2010. p. 09-25. Disponível em: <<http://www.notadotradutor.com/revista4.html>> Acesso em: 21 dez. 2014.

uma volta circular. Ovídio (*Amores*, 1.9; *Fasti*, 4.365) e Marcial (9.97) empregaram esse recurso.

Epigramas

1. Anônimo, *Antologia Latina*, 39

39 – *De Narcisso*

*Dum putat esse parem uitreis Narcissus in undis,
Solus amore perit, dum putat esse parem.*⁵

39 – Sobre Narciso

Julgando haver um par nas ondas vítreas, só, Narciso
perece por amor, julgando haver um par.

2. Anônimo, *Antologia Latina*, 145

145 – *De Narcisso*

*Inuenit proprios mediis in fontibus ignes
Et sua deceptum urit imago uirum.*⁶

145 – Sobre Narciso

Achou o próprio fogo em meio à água e sua
imagem queima o homem enganado.

3. Anônimo, *Antologia Latina*, 146

146 – *Aliter*

*Ardet amore sui flagrans Narcissus in undis,
Cum modo perspicua se speculator aqua.*⁷

146 – Variação

⁵ Texto latino proveniente de: BUCHELER, Franciscus; RIESE, Alexander. (org.) *Anthologia latina sive poesis latinae supplementus*. Vol. I Lipsiae: In aedibus B. G. Teubneri, 1869. p. 86.

⁶ *Ibidem*. p. 119.

⁷ *Ibidem*. p. 119.

Narciso arde, abrasado nas ondas, de amor
de si, e, ainda assim, se olha n'água límpida.

4. Anônimo, *Antologia Latina*, 147

147 – *Aliter*

*Suspirat propriae Narcissus gaudia formae,
Quem scrutata suis uultibus unda domat.*⁸

147 – Variação

Suspira em gozo da própria forma Narciso,
que a água aplaca, escrutada por seu vulto.

5. Anônimo, *Antologia Latina*, 219

219 – *De Narcisso*

*Se Narcissus amat captus lenonibus undis.
Cui si tollis aquas, non est ubi saeuat ignis.*⁹

219 – Sobre Narciso

Narciso ama a si, presa de atraentes ondas.
Tire a água e não há o que atice o fogo.

6. Pentádio (séc III-IV d.C.), *Antologia Latina*, 265

265

*Cui pater amnis erat, fontes puer ille colebat
Laudabatque undas, cui pater amnis erat.
Se puer ipse uidet, patrem dum quaerit in amne,
Perspicuoque lacu se puer ipse uidet.
Quod Dryas igne calet, puer hunc inridet amorem
Nec putat esse decus, quod Dryas igne calet.
Stat stupet haeret amat rogat innuit aspicit ardet
Blandtitur queritur stat stupet haeret amat.
Quodque amat, ipse facit uultu prece lumine fletu;
Oscula dat fonti, quodque amat ipse facit.*¹⁰

⁸ *Ibidem*. p. 120.

⁹ *Ibidem*. p. 157.

¹⁰ *Ibidem*. p. 181.

265

Tinha por pai um rio, ele que as fontes cultuava,
as águas louvava e tinha por pai um rio.
O rapaz vê a si mesmo ao buscar o pai no rio,
no límpido lago o rapaz vê a si mesmo.
Quando a Dríade¹¹ arde em fogo, ele se ri deste amor;
não crê ser honra, quando a Dríade arde em fogo.
Para, espanta, hesita, ama, roga, anui, arde, escruta,
reclama, afaga, para, espanta, hesita, ama.
E faz-se no que ama, em vulto, prece, luz e pranto;
joga beijos à fonte e faz-se no que ama.¹²

7. Pentádio (séc III-IV d.C.), *Antologia Latina*, 266

266

*Hic est ille, suis nimium qui credidit undis,
Narcissus uero dignus amore puer.
Cernis ab inriguo repetentem gramine ripas,
Vt per quas periiit crescere possit aquas.*¹³

266

Esse é o que acreditou em demasia em suas ondas,
Narciso, o jovem digno de amor real.
Podes vê-lo voltando da relva úmida às margens
para contemplar as águas por que morreu.

8. Ausônio (310-395 d.C.), *Epigramas*, 99

XCIX – Ad Narcissum qui sui ipsius Amore captus erat

Si cuperes alium, posses, Narcisse, potiri.

¹¹ As dríades são as ninfas dos bosques e, nesse caso, a referência que se faz é à dríade Eco.

¹² Há uma tradução portuguesa em verso livre deste mesmo poema, de autoria de Inês de Ornellas e Castro, publicada em: CASTRO, Inês de Ornellas e; VIANA, Maria Mafalda de Oliveira. *Poemas de Amor*, Antologia Poética Latina (I a.C. – III). Seleção e tradução anotada de Inês de Ornellas e Castro e Maria Mafalda de Oliveira Viana. Lisboa: Relógio D'Água, 2009. p. 181.

¹³ Texto latino proveniente de: BUECHELER, Franciscus; RIESE, Alexander. (org.) *Anthologia latina sive poesis latinae supplementus*. Vol. I Lipsiae: In aedibus B. G. Teubneri, 1869. p. 181.

*Nunc tibi amoris adest copia, fructus abest.*¹⁴

99 – A Narciso, que estava tomado de amor por si próprio

Se outro ansiasses, Narciso, haverias de possuí-lo.
Mas tens muito de amor, parco é seu fruto.

9. Ausônio (310-395 d.C.), *Epigramas*, 100

C – De eodem

*Quid non ex huius forma pateretur amator,
Ipse suam qui sic deperit effigiem?*¹⁵

100 – Sobre o mesmo

O que um enamorado não sofreria por belo
jovem, o mesmo que perde assim sua imagem?

10. Ausônio (310-395 d.C.), *Epigramas*, 101

CI – *De Echo dolente propter mortem Narcissi*

*Commoritur, Narcisse, tibi resonabilis Echo,
Vocis ad extremos exanimata modos:
Et pereuntis adhuc gemitum resecuta querellis,
Ultima nunc etiam uerba loquentis amat.*¹⁶

101 – Sobre Eco sofrendo pela morte de Narciso

Narciso, junto a ti Eco morre a ressoar
até o fim de sua voz exaurida:
geme inda a repetir queixas de um moribundo
e ama as palavras últimas que diz.

ABSTRACT: I present the translation of ten poems, all of them translated by the first time in Brazil, about some aspect of Narcissus' myth. The epigrams come from the *Latin Anthology* or from the works of the roman poet Decimus Magnus Ausonius. I

¹⁴ Texto latino proveniente de: AUSONIUS. *Ausonius in two volumes*: with an english translation by Hugh G. Evelyn White (The Loeb Classical Library). Vol.2. London: Harvard University Press, 1985. p. 210.

¹⁵ *Ibidem*. p. 212.

¹⁶ *Ibidem*. p. 212.

intend to translate them poetically, using meters employed by the Portuguese language's poetry.

Key-words: translation; poetic translation; latin literature; mythology; Narcissus.

Referências:

AUSÔNIO; MOREIRA, Daniel da Silva. Epigramas|Epigrammata. (n.t.) *Revista Literária em Tradução*. n. 4, mar. 2012, Florianópolis, 2010. P. 09-25. Disponível em: <<http://www.notadotradutor.com/revista4.html>> Acesso em: 21 dez. 2014.

AUSONIUS. *Ausonius in two volumes: with an english translation by Hugh G. Evelyn White* (The Loeb Classical Library). Vol.2. London: Harvard University Press, 1985.

BUECHELER, Franciscus; RIESE, Alexander. (org.) *Anthologia latina sive poesis latinae supplementus*. Vol. I Lipsiae: In aedibus B. G. Teubneri, 1869.

CAMPOS, Haroldo de. *Crisantempo - no espaço curvo nasce um*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

CASTRO, Inês de Ornellas e; VIANA, Maria Mafalda de Oliveira. *Poemas de Amor, Antologia Poética Latina (I a.C. – III)*. Seleção e tradução anotada de Inês de Ornellas e Castro e Maria Mafalda de Oliveira Viana. Lisboa: Relógio D'Água, 2009.

JESUS, Carlos A. Martins de. *A flauta e a lira*. Estudos sobre poesia grega e papirologia. Prefácio de José Ribeiro Ferreira. Coleção Fluir Perene, n. 3. Coimbra: Fluir Perene, 2008. Disponível em: <[http://www.fluirperene.com/livros/A flauta e a lira.pdf](http://www.fluirperene.com/livros/A%20flauta%20e%20a%20lira.pdf)>. Acesso em 01 nov. 2014.

MIOTTI, Charlene Martins. O papiro de Oxirrinco: uma nova versão para a morte de Narciso. *Anais do 4º Congresso Nacional de Letras, Artes e Cultura, 1º Internacional - Linguagem, memória e arte: interfaces*. São João Del-Rei: UFSJ, 2013. P. 1869-1876.

OLIVA NETO, João Ângelo. Tradução Literária e Estudos Clássicos Brasileiros. In: ANTUNES, C. Leonardo R. *Ritmo e sonoridade na poesia grega antiga: uma tradução comentada de 23 poemas*. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 2011.

Data de envio: 05-10-2016

Data de aprovação: 27-07-2016

Data de publicação: 09-09-2016